MILHO

A chuva foi o fator de maior relevância na reversão das estimativas. No Centro-Sul, fez melhorar as condições de desenvolvimento da planta, após a estiagem. No Nordeste, por outro lado, provocou sérios danos e a colheita deverá apresentar resultados inferiores aos previstos.

CENTRO-SUL

Passados alguns meses da estiagem que atingiu diversas zonas produtoras de milho no Centro-Sul, tornam-se mais confiáveis as avaliações da safra 1984/85. No Rio Grande do Sul, as chuvas de fevereiro reverteram as previsões pessimistas do mês anterior, de que a safra estadual não alcançaria nem mesmo 3 milhões de t. Fontes estaduais vêm divulgando que, apesar de intensa, a estiagem foi extremamente localizada, afetando o milho **precoce** menos seriamente do que se esperava. Quanto ao milho **tardio**, que representa 30% da safra total, teve ótimas condições de desenvolvimento, o que levou o **Departamento Estadual de Planejamento Agrícola – Depa** – do Rio Grande do Sul, a estimar que a colheita poderá ser de até 3,3 milhões de t.

Também os estados de Minas Gerais e São Paulo passaram por situação semelhante, no que diz respeito à reavaliação do rendimento físico. Em Minas Gerais, espera-se que a produtividade física alcance 2 mil kg/ha, que pareciam descartados com a seca, o que fará com que a produção chegue a cerca de 3 milhões de t. Em São Paulo, da mesma forma, especula-se que um provável ganho no rendimento álçará a colheita para algo em torno de 2,5 milhões de t.

No Paraná, maior estado produtor, o **Departamento de Economia Rural** aumentou em 400 mil t (8%) a avaliação da safra, comparada com a do início do ano. Com as 320 mil t esperadas para a **safrinha** (colheita tardia), o total seria elevado para 5,6 milhões de t. Apenas Santa Catarina manteve inalterada a previsão de colheita em 2,1 milhões de t (ver Quadro 10).

Desta forma, a oferta destes estados chegaria a cerca de 16,5 milhões de t, quase 6% a mais do que o total avaliado no início do ano, mas 1,5% inferior ao resultado de 1983/84.

NORDESTE

Por sua vez, a região Nordeste (ver Quadro 11) vem sendo castigada por pesadas chuvas, o que possivelmente

QUADRO 10 - BRASIL – MILHO – PRODUÇÃO DA SAFRA 1984/85

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)
Paraná	2.330.000	5.432.000	2.331
Rio Grande do Sul	1.729.450	3.271.126	1.891
Minas Gerais	1.501.597	2.990.083	1.991
São Paulo	1.166.000	2.448.600	2.100
Santa Catarina	945.628	2.134.070	2.257
Goiás	734.000	1.520.000	2.071
Mato Grosso	236.489	394.971	1.670
Pernambuco	391.567	332.830	850
Mato Grosso do Sul	140.000	280.000	2.000
Ceará	490.600	255.112	520
Maranhão	451.595	254.884	564
Piauí	337.668	226.050	669
Espírito Santo	129.916	226.049	1.740
Paraíba	317.601	213.269	671
Rondônia (1ª safra)	120.146	191.058	1.590
Bahia (1ª safra)	198.837	188.895	950
Pará	116.964	130.089	1.112
Rio Grande do Norte	178.514	96.513	540
Alagoas	137.568	80.377	584
Sergipe	100.573	68.792	684
Rio de Janeiro	41.824	66.918	1.600
Acre	25.648	40.463	1.578
Distrito Federal	4.000	7.200	1.800
Rondônia (2ª safra)	6.729	5.578	829
Amazonas	1.563	2.500	1.600
Amapá	1.322	1.098	831
Bahia (2ª safra)	...	...	...
BRASIL	11.835.799	20.858.525	1.762

FONTE – IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, março de 1985.

QUADRO 11 – MILHO – PRODUÇÃO DA REGIÃO NORDESTE – 1974–85 (em t)

ESTADO	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985
MA	174.981	188.629	201.497	236.621	239.720	248.060	270.583	152.701	303.601	86.620	268.662	254.884
PI	65.280	139.000	67.925	130.820	124.992	109.538	73.548	43.365	122.036	25.621	157.429	226.050
CE	182.658	340.200	212.500	349.800	259.200	172.214	96.000	21.600	155.366	17.531	257.603	255.112
RN	61.805	62.330	41.422	86.542	54.932	9.898	2.669	2.237	5.706	1.978	86.138	96.513
PB	163.273	138.828	105.631	195.639	139.784	112.180	33.981	26.317	26.058	24.954	199.185	213.269
PE	405.600	325.685	165.000	324.505	276.580	184.337	59.042	52.200	94.738	11.895	301.945	332.830
AL	65.885	56.055	19.278	73.844	61.561	58.534	8.832	8.258	35.477	4.017	40.754	80.377
SE	49.175	44.530	5.700	36.535	30.588	43.613	3.310	16.365	78.252	2.414	76.925	68.792
BA	360.000	292.200	194.700	211.080	323.280	317.160	282.495	191.075	312.251	131.886	84.177	188.895
Total	1.528.657	1.614.457	1.013.653	1.645.386	1.510.637	1.255.534	830.460	514.118	1.133.485	306.916	1.472.818	1.716.722

FONTE – IBGE.

levará a colheita a resultados inferiores aos estimados inicialmente (2 milhões de t).

No Ceará, tencionava-se plantar área de 500 mil ha. No entanto, de acordo com a **CFP**, não mais do que 392 mil ha deverão produzir aproximadamente 165 mil t, com queda de 17% no rendimento físico. Já o Maranhão (segunda maior área plantada), que era apontado pelo **IBGE** como provável produtor de 271 mil t, teve este número reavaliado pelo mesmo órgão para 255 mil t. Em Pernambuco, as avaliações iniciais previam colheita superior às 300 mil t obtidas no ano passado, mas foram revistas, também em função das chuvas. Estima a **CFP** que as perdas pernambucanas sejam de 20%, mas, como o plantio se estende até maio, é possível que parte das lavouras afetadas seja recuperada e, neste caso, espera-se que a produção se iguale à de 1983/84.

O PRODUTOR

A situação do produtor de milho não tem sido das mais favoráveis, pois a comercialização do produto novo vem-se dando a preços abaixo do mínimo, além de o governo não dispor de recursos suficientes para atender a grande procura por **AGF** neste período.

No Centro-Sul, apenas em Santa Catarina a comercialização do milho recém-colhido vem passando ao largo das dificuldades que se observam nos outros estados produtores. Isto se deve ao fato de o estado produzir menos do que o seu consumo, daí porque há grande demanda pelo grão nas propriedades criadoras de suínos (cerca de 60% da produção total, segundo estimativas da **Cepa-SC**). As cooperativas locais vêm pagando, em média, Cr$ 28 mil/60 kg ao produtor catarinense, assumindo as despesas de frete, **Funrural** e limpeza do produto.

Em Minas Gerais e Rio Grande do Sul, os agricultores têm recebido até Cr$ 27 mil/60 kg livres de despesas, quando o produto é de boa qualidade. No Paraná, as cooperativas vêm adquirindo ao preço mínimo de Cr$ 30.360/60 kg, enquanto os intermediários e as indústrias oferecem de Cr$ 26 mil a Cr$ 28 mil/60 kg líquidos ao produtor.

Vale lembrar que as pequenas indústrias estão adquirindo apenas as quantidades de milho estritamente necessárias para suas necessidades imediatas ou mantendo estoques curtos (45 dias), no caso das maiores. Elas esperam que a comercialização se desenrole tranqüilamente durante todo o ano, confiando que a formação de estoques, por parte do governo, sendo inevitável, obrigará à realização de leilões para abastecimento do mercado na entressafra.

A parcimônia de recursos existentes para as **AGF'S**, que se agravou com a centralização de todas estas operações no Banco do Brasil, representa sério obstáculo à comercialização da safra de verão deste ano. Além disso, há referências à falta de espaço para estocagem nos armazéns do interior, devido à simultaneidade de colheita de vários produtos e à lentidão com que a **CFP** vem retirando suas compras.

